Nº 264

IGREJA E APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRASIL

O AMOR POR PRINCÍPIO, E A ORDEM POR BASE:
O PROGRESSO POR FIM

Viver para outrem. *Viver às claras.*

Ainda a questão da varíola e da vacina

A propósito dos recentes ataques que os sectários do despotismo sanitário e da vacina têm dirigido contra a Igreja e o Apostolado Positivista do Brasil.

> "Considera o sumo crime preferir a vida à honra, e, por causa da vida, perder as razões de viver."
>
> (Juvenal)

Desapontados pela manifesta incapacidade dos seus abomináveis expedientes para superar a atual epidemia de varíola, os sectários do despotismo sanitário e da vacinação tentam extraviar a opinião pública, atirando alhures a responsabilidade do seu trágico fracasso. O alvitre é por demais comum e vulgarmente conhecido, pois deles têm lançado mão sempre os empíricos pregoeiros, sinceros ou não, de remédios, quando os fatos vêm patentear a ineficácia destes. Só o que há de novo no caso atual é ter-se escolhido os positivistas para a *vítima expiatória* do flagrante malogro da higiene oficial. Ora, essa escolha, além de iníqua, constitui um inqualificável desafio ao bom senso vulgar, como é fácil reconhecer.

———————

Seja qual for, porém, em tal conduta, a culpabilidade dos sectários do despotismo sanitário e da vacina, é força convir que só a profunda desorientação moral e mental da parte dominante da burguesia pode fazer esperar algum sucesso para expediente tão banal. Quanto à massa ativa do proletariado, essa não se ilude acerca dos verdadeiros intuitos dos nossos gratuitos e rancoroso adversários; porque uma cruel experiência desde muito evidenciou ao proletariado que é o povo justamente que defendemos, visto ser o povo quem principalmente e quase exclusivamente sofre os horrores da tirania higiênica.

Concentradas embora na burguesia dominante, as devastações da agressão de que somos alvo por parte dos sectários do despotismo sanitário e da vacinação não nos podem ficar indiferentes. Em primeiro lugar, é nosso dever esforçarmo-nos por dissipar em todas

as almas boas, em qualquer das classes sociais, as alegações com que os bem ou e os mal intencionados procuram desviá-las da Religião da Humanidade. Em segundo lugar, a evolução social condensou atualmente na burguesia (não existe aristocracia na América) o capital estético, científico, e material, elaborado pela Humanidade para a regeneração política e moral. É esse capital que a generalidade da burguesia cegamente e egoisticamente malbarata, agravando cada dia mais a revolução de que também ela é vítima.

Eis porque estamos obrigados a apresentar algumas reflexões suficientes para evidenciar o despropósito dos ataques que hoje nos dirigem os sectários do despotismo sanitário e da vacinação.

Para isso, cumpre, antes de tudo recordar a real atitude da Igreja e do Apostolado positivista do Brasil na questão da varíola e da vacinação. Essa atitude não resultou de modo algum de uma *predileção especial* por tais assuntos. Pelo contrário, essa atitude constituiu apenas um incidente no *conjunto* de nossos esforços regeneradores. O *capital* para nós nunca foi combater a *vacina*, ou qualquer outra das inúmeras aberrações médicas do nosso tempo. O *capital* para nós sempre foi defender a liberdade espiritual, e as outras liberdades cívicas, que formam a base da regeneração política e moral, liberdades atacadas pela metafísica materialista da medicina oficial. Foi porque se invocou *erroneamente* a ciência, propalando-se as virtudes fantásticas da vacina, a fim de atentar contra a liberdade espiritual e as demais liberdades cívicas, estabelecendo-se a *vacinação obrigatória*, que tivemos de refutar o despotismo sanitário, *também nesse terreno*, vulgarizando o *estado real da questão da vacina*, entre os teoristas ocidentais de maior nomeada.

Esse ponto é essencial. A varíola é apenas *um* dos inúmeros projetos que hoje vitimam a nossa espécie, e forma *um* dos sintomas da revolução moderna. A vacina está no mesmo rol que tantas outras aberrações da metafísica materialista médica, como a doutrina microbiana, por exemplo; está no mesmo rol que o alcoolismo, etc. O Apostolado Positivista não tem cessado de combater todos esses flagelos desde o início da propaganda. Mas esse combate tem consistido, essencialmente, em propagar diretamente a regeneração política e moral, divulgando a Religião da Humanidade. Triunfando a Religião da Humanidade, todas as aberrações morais e mentais extinguir-se-ão.

É, pois, para defender as *condições fundamentais* da regeneração humana, isto é, o predomínio do altruísmo e do bom senso, e a eliminação de toda a violência, tanto na vida cívica, como na vida internacional, que a Igreja Positivista do Brasil tem combatido a vacina e os demais extravios oriundos da revolução moderna. Para evidenciá-lo, basta recordar sumariamente os assuntos que temos abordado: combatemos o privilégio dinástico, o parlamentarismo, a democracia, a escravidão, os privilégios acadêmicos, o despotismo sanitário, a criação de uma Universidade, o ensino obrigatório, o clericalismo teológico, o monopólio funerário, os monopólios industriais, o divórcio, o militarismo, a

diplomacia imperialista, etc.; intervimos nas *greves* para esclarecer não só os governos e chefes industriais, mas também os proletários, etc.

Tenha-se presente esse quadro de uma propaganda da mais escrupulosa coerência, que já conta quase trinta anos, através do Império e da República, sem jamais recorrer à violência, apelando exclusivamente para o altruísmo e a razão, tanto das classes dominantes como das massas populares, e ver-se-á logo a que fica reduzida a intervenção positivista na questão da vacina.

Assim, se não tivesse havido a tentativa da *decretação da vacinação obrigatória*, nunca teríamos feito a propaganda *especial* contra a vacina, pela mesma razão que não fazemos propaganda especial contra o café, contra o fumo, contra o álcool, etc. Assim como não teríamos feito uma propaganda *especial* contra o *militarismo* e a *diplomacia imperialista*, se não tivesse havido a tentativa da militarização do povo brasileiro e as aberrações diplomáticas do Império, retomadas pelo governo republicano.

O nosso Mestre nos ensinou que *não há síntese parcial*, que toda reforma *especial* é fatalmente precária. Os nossos esforços regeneradores devem concentrar-se, pois, na propaganda *integral* da Religião da Humanidade, cuja vitória só é capaz de determinar a solução definitiva de todos os problemas particulares que torturam a sociedade moderna. Nesses problemas particulares, temos que limitar-nos agora a considerar os *aspectos fundamentais* pelos quais a solução deles prende-se à *solução geral*, isto é a regeneração religiosa da sociedade. Ora, esses aspectos reduzem se ao conjunto das liberdades civis que asseguram a *fraternidade universal*, mediante a separação entre o *poder espiritual* e o *poder temporal*, bem como a abolição do militarismo, graças a substituição pacífica dos guerreiros e os seus anexos teológico metafísicos pelos industriais.

Recordar assim a realidade sobre a atitude da Igreja e do Apostolado Positivista do Brasil, é fácil evidenciar o descabimento dos recentes ataques ataques dirigidos anonimamente contra nós.

De fato, a Igreja Positivista constitui ainda uma minoria muito diminuta no seio da sociedade brasileira. Essa minoria só pode influir sobre as classes dominantes e sobre o povo, dirigindo-se ao altruísmo e ao bom senso, pois não dispõe de força material, e nem pode dispor de força material, em virtude da sua doutrina, para impor os seus sentimentos e convicções. Órgão, porém, das grandes almas de todos os tempos, em todos os lugares, a propaganda positivista vai encontrando um acolhimento sempre crescente, embora lento, em todas as classes da sociedade brasileira. E esse ascendente subleva contra a Igreja Positivista os que estão, consciente ou inconscientemente, interessados em manter o caos em que se debate a sociedade moderna. Daí, os ataques obcecados e injustos de que temos sido objeto desde o início da propaganda, em 1881.

Os sectários do despotismo sanitário e da vacinação, pelo contrário, formam uma multidão de privilegiados, senhores das posições oficiais, cegamente sustentados pelos governantes, dotados de grandes vencimentos, entretendo um número enorme de proletários, gozando da proteção da generalidade dos jornalistas, dando lugar ao desenvolvimento de indústrias que fornecem os ingredientes, máquinas, utensílios, etc., empregados pela higiene oficial.

Eles dispõem de todos os meios do jornalismo para dirigir a opinião do vulgo dos que *têm*. Podem propalar à vontade de tudo quanto acredito no justificar, à vista do interesse público, os seus privilégios, as suas arbitrariedades, os seus ordenados, os seus clientes.

Como, pois, se pode admitir que um punhado de cidadãos sem riqueza, sem apoio do governo, atacados pelo jornalismo, tenham uma parte qualquer de responsabilidade em uma epidemia, e muito especialmente na atual epidemia de varíola?

Assim, nos ataques recentes, disse que a epidemia desenvolveu-se na rua Benjamin Constant por causa do enterro de uma criança positivista que foi levada ao Templo da Humanidade.

Pois bem, quantos casos de varíola desenvolveram-se na rua Benjamin Constant depois desse enterro? *Antes* desse enterro não se manifestou a varíola na mesma rua? Os moradores da rua Benjamin Constant não se espalham diariamente pela cidade? Habitantes de todos os bairros, inclusive dos subúrbios, não passam diariamente pela referida rua? O ar que circula nesta está separado da marca geral da atmosfera da cidade?

Como se pode, pois, afirmar que foi o enterro positivista que infestou de varíola a rua Benjamin Constant?

Devo acrescentar o seguinte: o Dr. Venâncio Lisboa, funcionário da Diretoria Geral de Saúde Pública, veio à minha casa pedir-me informações, à vista dos ataques jornalísticos motivados pelo enterro em questão. Disse-me ele, nessa ocasião, que era falso que a rua Benjamim Constant estivesse infestada; que só lhe constava terem sido acometidas aí de varíola três pessoas, das quais duas haviam sido removidas e uma falecera; e nesse sentido ia fazer uma retificação.

Recusei-me a dar ao Dr. Venâncio Lisboa qualquer explicação; porque, conforme lhe ponderei, não reconheço no poder temporal competência em matéria de *patologia*, de *terapêutica*, e de *culto*, que eram os únicos pontos em questão das agressões jornalísticas. O governo temporal só tem de certificar-se, a respeito de cada óbito, se se trata de morte natural ou de assassinato. É esse o único alcance do atestado médico, para o poder temporal.

Quanto ao *diagnóstico*, à *terapêutica*, e ao *culto*, são assuntos para os quais o poder temporal não tem a mínima competência. Isto é, sobretudo, incontestável hoje, à vista da multiplicidade das doutrinas médicas e das religiões.

Considerava, portanto, do meu dever de cidadão e de homem, dever de homem que vale mais que o de cidadão, negar o poder temporal qualquer esclarecimento imposto em tais assuntos.

Mas não é tudo. Para ver se bem o absurdo da acusação feita à Igreja Positivista no caso atual, convém notar que tal acusação resulta de uma cega concepção metafísica e empírica do que se chama *contágio*.

O fato mesmo da maioria, da quase totalidade da população não ser atacada das moléstias tidas por contagiosas, já mostra, só por si, que, para contraí-las, não basta estar em contato, quer com doentes das ditas moléstias, quer com mortos por elas ou *com* elas, quer com pessoas que tenham estado com tais doentes ou tais mortos.

Por outro lado, o exercício da arte cirúrgica e a prática nefanda das investigações nos cadáveres evidenciam diariamente quanto são excepcionais as condições que tornam possíveis as infecções.

Enfim, é sabido que se pode adquirir as moléstias tidas por contagiosas sem estar em contato, quer com os doentes ou mortos das ditas moléstias, quer com pessoas que hajam estado em contato com esses doentes ou mortos.

Resulta daí que, acreditando mesmo no contágio como a circunstância preponderante na determinação de uma moléstia, nenhum espírito reto, e que não for vítima da metafísica e do empirismo, ousará afirmar categoricamente, em cada caso, que, sem tal circunstância, o doente não teria contraído a moléstia, só em virtude da sua *predisposição* individual e do estado geral do *meio*. E, na hipótese de parecer o contágio o fator determinante, nenhum espírito criterioso, emancipado da metafísica e do empirismo, ousará escolher, entre os múltiplos fatores presumíveis do contágio, justamente o mais remoto.

Essas reflexões já indicam que o lamentável caso da pessoa cuja morte surpreendeu nos tanto mais dolorosamente, quanto existia tô entre ela e nós, de longa data, relações simpáticas, tornou-se apenas um nefando pretexto para o ataque dos nossos detratores anônimos. Porque, *admitindo que essa pessoa tivesse sucumbido de varíola*, como atribuir razoavelmente a moléstia a um enterro que passou pela rua Benjamin Constant mais de 20 dias antes que ela tivesse caído doente, quando, antes e depois desse enterro, a mesma rua, como qualquer das desta cidade, esteve e está exposta a todas as fontes presumíveis do contato varioloso, quando a pessoa andou por outras ruas?

Além disso, informações fidedignas nos asseguram que, poucos dias antes da moléstia, o distinto negociante sofrera um grande abalo moral, em consequência de horrível desastre ocorrido nas suas oficinas, em um operário.

Ora, o médico assistente atestou *varíola hemorrágica*, como causa da morte. E é sabido que esse é justamente o *tipo acadêmico de varíola* que mais dá lugar às divergências de diagnóstico. Para os que tiverem dúvidas a tal respeito, nós limitar-nos-

emos a transcrever o seguinte tópico do artigo *Varíola*, do *Dicionário Usual das Ciências Médicas*, pelos Drs. A Dechambre, Mathias Duval e L. Lereboullet:

"... A forma mais benigna, verdadeira varíola atenuada, chama-se *varioloide*, a forma mais grave, sempre mortal, é a varíola negra ou hemorrágica... A *varíola negra* tem um início insidioso; ela sidera o indivíduo. E a *erupção não tem tempo de fazer se, ou faz se por tal modo mal, que é desconhecível* (méconnaissable)... O diagnóstico da varíola é em geral fácil, *salvo para os casos da varíola hemorrágica, que se confundem facilmente com as diversas culturas infecciosas*."

É, portanto, pelo menos *contestável* que o distinto negociante haja sido realmente vítima da varíola, apesar da da opinião do médico assistente.

Tudo isso não patenteia só a iniquidade e a irracionalidade da agressão de que fomos alvo. Serve também para evidenciar que seria fútil e inútil para o bem público elucidar agora o diagnóstico da moléstia de que foi vítima a infeliz menina positivista.

O capital agora, para o bem público, é defender a separação entre o poder espiritual e o poder temporal, contestando terminantemente a este a competência que, *inconstitucionalmente aliás*, quer arrogar-se para intervir em questões de *patologia*, de *terapêutica*, e de *culto*. Eis por que devemos recusar às autoridades sanitárias qualquer esclarecimento a tal respeito. Essas autoridades e o governo que formem da moléstia de que foi de vítima a nossa desventura da filhinha o juízo que quiserem, certos de que jamais obedeceremos às prescrições do despotismo médico, oficial ou não.

Todos os que não estiverem obcecados pelas paixões, mesmo respeitáveis, compreenderão que os positivistas, vendo os enterros se fazerem diariamente pelas ruas desta cidade, não podiam imaginar – quando o mesmo se tratasse de moléstias presumidas contagiosas – que fosse motivo de alarma para qualquer dos seus concidadãos o levar-se para o Templo da Humanidade, e aí estacionar *alguns minutos* (quinze minutos, se tanto), *um caixão fúnebre fechado*.

Se fosse imaginável por nós tal alarma, respeitando, como respeitamos, os escrúpulos dos nossos semelhantes, sempre que isso não prejudica o bem público, nos teríamos resignado *agora* a levar diretamente para o cemitério os nossos mortos. Aguardaríamos que os nossos concidadãos estivessem emancipados dos preconceitos do materialismo médico, para seguirmos as práticas do nosso culto fúnebre, que aliás são as práticas do culto fúnebre católico ainda em vigor em Paris.

Quanto às cautelas higiênicas a tomar para com os doentes e os mortos, nas suas relações com os que os rodeiam, também é absurdo pretender que só a ciência oficial as sabe tomar. Porventura nós, positivistas, nos julgamos invulneráveis ou imortais? Porventura, os nossos adversários já demonstraram possuir mais ciência, mais moralidade, mais preocupação pelo bem público do que nós? Como, pois, ousar pôr em

dúvida que nossos enterros quaisquer, ou no tratamento dos doentes, procedamos com ciência e com consciência?

A verdade é que os nossos adversários pretendem fazer acreditar, como todos os déspotas, que a ciência e a consciência são monopólio deles. Aí, porém, vão encontrar-nos inflexíveis. Havemos de continuar a patentear o que vale a metafísica materialista oficial, desde a matemática até a arte médica, invocando em cada caso, como fizemos com a vacina, os testemunhos insuspeitos dos teoristas ocidentais de maior nomeada, e o bom senso vulgar.

Também nos esforçaremos por não esquecer jamais a sublime verdade proclamada energicamente por Juvenal: "*Considera o sumo crime preferir a vida à honra, e, por causa da vida, perder as razões de viver.*" Apenas observaremos que a honra para nós é inseparável do altruísmo, e não uma simples expansão do amor-próprio.

Enfim, para acabar de edificar os que ainda se deixam impressionar pelos ataques jornalísticos anónimos, poremos aqui em confronto com as acusações que se nos fazem, a seguinte, que se dirija a higiene oficial entre outras tantas análogas:

AO ABANDONO

Um varioloso na praça Quinze de Novembro – Fora do hospital. – As providências da polícia.

"*Diariamente* vem a imprensa desta capital registrando fatos como o que vamos narrar e que muito depõe contra os nossos fóruns de povo civilizado e contra a nossa higiene pública.

Os indivíduos que têm a infelicidade de ser acometidos do terrível mal que ora assola esta cidade– a varíola – são recolhidos ao hospital de S. Sebastião, e nem bem melhora um pouco, dizem, são postos fora da lista a pretexto de que estão fora de perigo, sem piedade pelas desgraçadas vítimas que muitas vezes, sem recursos e sem domicílio, lá se vão por essas ruas além, exibindo aos olhos pasmos dos transeuntes um espetáculo por demais dolorosíssimo.

Causa dó ver esses infelizes arrastarem se pelas ruas com os corpos cheios de feridas ainda não saradas, tornando-se assim veículos vivos do mal que presentemente nos atormenta.

Se por acaso são os pobres encontrados na rua, a saúde pública infringiu lhes a multa de 500$ a cada um, a qual é cobrada no prazo regulamentar.

Ontem, pela manhã, um guarda civil de ronda à praça Quinze de Novembro, encontrou sentado em um banco Abel Augusto Martins, de nacionalidade portuguesa e que apresentava sinais evidentes de varíola, e com os pés e as costas completamente chagados.

Na delegacia do 1º distrito, para onde foi conduzido pelo civil, o infeliz varioloso declarou que havia sido posto fora do hospital de S. Sebastião, em vista de se achar livre de perigo, conforme lhe disseram, nos no estado lastimável em que se encontrava.

De nada valeu a Martins ter ele dito no hospital que não tinha recursos para manter-se, nem domicílio onde recolher-se.

Em vista do caso, o comissário Sampaio deu guia para o varioloso se recolher ao hospital da Misericórdia, na falta de outro meio ao seu alcance.

E não haverá um meio para que este estado de coisas melhore?"

(Extraído do *Jornal do Brasil* de sexta-feira, 10 de julho de 1908.)

Passemos agora à responsabilidade que se nos quer atribuir na epidemia atual, pelas revelações que vulgarizamos acerca da vacina. Como é sabido, os positivistas não foram os únicos entre nós a proclamar a ineficácia e os perigos da vacina. Além disso, os positivistas limitamo-nos a invocar a opinião e o testemunho dos teoristas ocidentais de maior nomeada.

Pois bem, é só a nós que se ataca por essa propaganda. Por quê? Por que se pensa poder levantar contra nós todos os interessados, consciente ou inconscientemente, na persistência do caos em que se debate a sociedade moderna, e assim esmagar-nos.

Apesar da propaganda anti-vacinista, os sectários da vacinação continuaram e continuam a vacinar em larga escala, abusando do apoio que lhes dá a crédula confiança do governo. Os vacinadores estão por toda a parte: nas escolas, nos quartéis, nos navios, nas oficinas, nos postos vacínicos espalhados por toda a cidade, auxiliados pelos preconícios de quase todo o jornalismo. A este respeito basta transcrever a seguinte confissão insuspeita:

A VARÍOLA

"Não é mais segredo para ninguém que a presente epidemia de varíola É uma das maiores que temos tido, ou, pelo menos, uma das maiores dos últimos tempos, *e a própria população, correndo a vacinar-se*, dá prova de que não julga exagerado o que dizem os jornais da situação sanitária.

É mesmo um fato digno do mais grato registro essa, assim já se lhe pode chamar, *vacinação em massa que em poucas ou em nenhuma das passadas irrupções dessa moléstia se viu*. A população, que não há muito tempo se revoltou contra a obrigatoriedade desse meio preventivo, *espontaneamente se apresenta agora aos postos vacínicos*, realmente convencidas de que o deve fazer para a sua própria segurança.

"*Essa convicção não se fez sem o concurso da imprensa, que se mostra unanimemente empenhada em auxiliar*, na medida de seus recursos, a autoridade sanitária; mas é também verdade que, formada pelo concitamento dos jornais e pelo conhecimento pessoal do proveito tirado de tal recurso, *a população perdeu aquela antiga repugnância e apela com empenho para a vacinação*, ante o alastramento da epidemia.

Ora, exatamente quando a Diretoria Geral de Saúde Pública *alcança esse triunfo pacífico* que não pode obter por decreto, é que ocorre em grande escala um fato que não pode passar sem o exame dessa repartição, e que, a persistir pode prejudicar todos os esforços até agora empregados para jugular a moléstia. É o caso que inúmeras pessoas se queixam de que as vacinas que recebem não pegam.

Desconhecemos por completo a causa dessa inocuidade da vacina que se está ministrando à população, e que não era necessário confessarmos em tal matéria a nossa ignorância, e sobretudo não nos cabe a apuração do fato que apontamos. Mas é fácil prever que essa inocuidade não tranquiliza ninguém e já está fazendo o que muitos espíritos hesitantes *acreditem que essa vacina não é vacina*.

(Extraído d'*A Notícia* de 9-10 de julho de 1908.)

Entretanto, se ousa atribuir à falta de vacinação o desenvolvimento e a persistência da epidemia atual! Pobre lógica oficial!

Mas nós já tínhamos assinalado esse expediente dos sectários do despotismo sanitário e da vacina, para defenderem as suas posições e a sua terapêutica. Em um artigo publicado na seção ineditorial do *Jornal do Commercio* de 15 de março de 1908 dizíamos:

"Anunciada a epidemia, se ela se der, a realização será invocada em abono da previsão, ou melhor, da adivinhação, e a epidemia será explicada pela falta da vacinação e a *insuficiência da revacinação*. *Porque se pretenderá sempre que a vacinação e a revacinação farão o suficiente*.

Não se refletirá que a epidemia de 1904 cessou, ao passo que a vacinação diminuiu; que em 1905 houve 256 óbitos por varíola, e 289 por febre amarela; que em 1906 houve 9 óbitos por varíola, e 42 por febre amarela, segundo as estatísticas oficiais.

Se não houver a terrível epidemia anunciada, não se falará mais não ameaça, que ficará para outra ocasião, ou se achará uma explicação qualquer, inclusive as vacinações e revacinações que tiverem havido."

Além da vacina, o despotismo sanitário recorre aos mais bárbaros processos, sem considerar um só instante tudo quanto há de cruel e de absurdo e tais medidas.

É assim que se arrancam os doentes aos cuidados da família e dos amigos, menosprezando os perigos morais e físicos a que ficam expostos no trajeto para os hospitais, e nos hospitais.

Nos hospitais amontoam-se os doentes quaisquer. De sorte que os que se acham em estado benigno ficam expostos às reações dos mais virulentos. Cria-se destarte um foco imenso de pestilência em substituição dos doentes, em geral de fácil tratamento em cada casa. Ao mesmo tempo, a aglomeração, nos hospitais, dos doentes que têm meios de tratar se no seu domicílio obriga a abandonar os desvalidos, conforme o exemplo acima transcrito.

Forma-se, enfim, em torno da população uma atmosfera tal de terror, que só o descrédito em que felizmente já caiu a influência médica, entre os proletários, minora as devastações do bárbaro e absurdo empirismo higiênico.

À vista de todo este vasto sistema de intervenções e da higiene oficial, não é lícito pretender atribuir à falta das medidas sanitárias preconizadas pelos sectários do

despotismo médico a persistência da epidemia reinante. É claro, ao contrário, que tal persistência constitui a demonstração irrefutável da ineficácia da higiene oficial.

Confessar, porém, essa verdade equivaleria a determinar a supressão, ou pelo menos a redução do *pessoal* da higiene oficial, e bem assim estancar a renda do *material* despendido por esta! São todos estes interesses feridos, além do amor próprio e do cego empirismo metafísico dos sectários do despotismo sanitário e da vacina, que se opõem, consciente ou inconscientemente, a que se faça tal confissão, isto é, que se reconheça a impotência radical da medicina oficial para pôr termo às epidemias.

Urgia, pois, agarrar-se a um expediente qualquer que permitisse disfarçar a ignorância médica e entreter o aparelho da atual higiene pública. Nessas condições, os positivistas – sendo os que mais têm se esforçado para patentear a verdadeira situação moderna sob todos os aspectos, especialmente quanto à medicina – tornaram-se naturalmente indicados para *vítima expiatória* do trágico desastre da higiene governamental.

Felizmente, nem todos, mesmo na classe dominante, se deixam sugestionar pelos sectários do despotismo sanitário e da vacina. Nós nos limitaremos a transcrever, a este respeito, os seguintes tópicos do *Correio da Noite* e do discurso do Dr. Barata Ribeiro, proferido na sessão de 10 de julho, no Senado federal.

Lê-se no *Correio da Noite* e de 8 de julho corrente:

"As fulgurantes *Três Estrelinhas*, d'*O País*, iluminam hoje o caminho da glória ao Dr. Oswaldo Cruz, tal como a sua irmã mais velha ensinando aos Magos o caminho de Belém.

É essa a missão dos astros.

Mas, ao mesmo tempo em que impelem ao Capitólio o diretor da Saúde Pública, pretendem despenhar-nos pela Rocha Tarpeia.

É o caso que, ensinando ao diretor da Saúde Pública fazer vista grossa e ouvidos moucos a "doutrinas, filosofias, terrorismo e idealismos de liberdade individual", asseguram-lhe que terá, na sua ditadura, o apoio unânime da imprensa.

E fala:

Toda a imprensa desta Capital, sem exceção de um só jornal, está ao seu lado, prestigiando a sua ação e pronta a dar-lhe todo o apoio, com confiança no seu critério e na sua capacidade.

Ora, o *Correio da Noite*, convencido de que a dessídia e os processos errados da diretoria da Saúde Pública vão determinando a recrudescência do flagelo da varíola, e mais convencido ainda de que a vacina é um grande perigo, tem, numa campanha sincera e porfiada, aconselhado ao povo que não se vacine. E as *Três Estrelinhas* garantem ao Dr. Oswaldo Cruz o apoio unânime da imprensa a vacinação obrigatória." (...)

O mesmo jornal publicava no dia 9 de julho, o seguinte, em um artigo sob o título *Correndo o véu*:

"De quando em vez cerca-se um homem de uma auréola de glória.

Basta que se prestem os jornais a publicar os elogios gratuitos que lhes enviam seus admiradores, para que esse homem se torne, em aparência, um ídolo do povo.

Realmente o povo não toma parte nesse culto, mas a imprensa proclama-o santo. É quanto basta para que ele se julgue mesmo santo.

Tal acontece em relação ao Sr. Dr. Oswaldo Cruz. Gastaram-se centenas de milhares de contos no melhoramento das condições materiais do Rio de Janeiro; abriram-se novas avenidas, alargaram-se as ruas, fez-se a revisão da rede de esgotos, instituiu-se com regularidade os serviços de irrigação da cidade, mas as glórias da extinção da febre amarela couberam todas ao Dr. Oswaldo Cruz. A azáfama das brigadas de *mata-mosquitos*, na verdade, foi extraordinária. Houve uma hecatombe desses insetos, mas... quem quiser ainda hoje dormir sossegado, precisa munir-se de um mosquiteiro. A febre amarela, porém, na opinião do Dr. Oswaldo Cruz, desapareceu por falta do veículo transmissor.

Ora, nós não vemos inconveniência em que essa crença seja mantida, e não pretendemos destruí-la; mas não concordamos em que o Sr. Dr. Oswaldo Cruz seja um administrador modelo, como se o proclama.

Não somos iconoclastas, apenas pretendemos restabelecer a verdade numa administração até hoje endeusada, e que, por isso mesmo, dorme sobre as suas glórias, enquanto o povo se vê a braços com uma epidemia, para cuja propagação mais concorrem justamente aqueles que são pagos para velar pela saúde da população.

O Sr. Dr. Oswaldo Cruz não é o administrador que, em geral, se pensa. As mais sérias irregularidades se passam na sua repartição, com o seu assentimento, senão com a sua proteção. Mas devagar iremos desvendando-as aos olhos do público, e, então, ver-se-á a que ficam reduzidas a benemerência e a correção administrativa do Diretor Geral de Saúde Pública.

Por hoje, nos limitaremos a transcrever duas cartas que nos dirigiram um distinto clínico desta Capital e um estudante de medicina.

Eis agora os tópicos mais notáveis do discurso do Dr. Barata Ribeiro, a que aludimos, tal como esse discurso se acha no *Diário Oficial*:

(...) A epidemia atual de varíola estava nos planos do governo do país.

A epidemia é que neste momento é o mais formidável flagelo do povo é um fato com que contava a administração pública, que ela esperava. Parece que propositalmente há alguém que, empenhando a lanceta com o *vírus* variólico, levou-o a todas as casas e com ele a aflição e a morte.

O orador não é suspeito, por que não apoia e nem combate governos; para ele são todos indiferentes.

Recorda a luta sobre a vacinação obrigatória, que alvoroçou as massas populares, que as levou a morrer na praça pública, na defesa do seu corpo.

Naquela época prevalecia o falso pressuposto de que o Governo não podia sofrer arranhões, que o Governo não deveria perder a campanha da vacinação obrigatória.

Em vão os convencidos, como o orador, *esforçaram-se em mostrar com as palavras insuspeitas de cientistas estrangeiros os perigos da vacinação obrigatória*. Fez-se, entretanto, a lei, mas antes que ela fosse executada, foi sepultada sobre os corpos dos populares que souberam morrer defendendo seus direitos.

Esqueceram-se os propugnadores da vacinação obrigatória de que a vacina é um fato científico, e a obrigatoriedade da vacina é um fato político.

Não são exploradores políticos os que defendem a Constituição da República.

Foi contra o caso político que se levantou o povo a obrigatoriedade da vacina nem é questão em que se possa intervir o próprio Poder Judiciário, na opinião do senhor Rui Barbosa (...)

Lembra o orador a entrevista do Dr. Oswaldo Cruz, publicada no *Jornal do Commercio* de 2 de fevereiro, em que o S. S., entre outras coisas, *atestou a extinção da febre amarela*. Entretanto, *o orador dá testemunho de que tratou recentemente de febre amarela um enfermo que, falecendo, foi sepultado com atestado de tuberculose pulmonar, passando por um médico oficial*. Nessa entrevista, o Dr. Oswaldo Cruz previa a maior intensidade da epidemia variólica no inverno, e increpava os que combateram a vacinação obrigatória. S.S. Só encontrava o meio de combatê-la na vacinação. (...)

Disse o Dr. Oswaldo Cruz que a varíola é uma desonra para a nossa civilização, mas a França teve o no ano passado e na sua forma mais grave.

Não é exato que só a vacina combate a epidemia da varíola. Antes do Dr. Oswaldo Cruz, desde Hipócrates, a higiene pública sabia combatê-la.

(...) A varíola é a moléstia das aglomerações no insalubres e o seu contágio demonstra-se no espetáculo repulsivo do transporte dos enfermos de pontos longínquos dos arrabaldes e subúrbios para o hospital de São Sebastião.

Os processos empregados transformam a administração pública em selvagens que não respeitam o amor da família. Querem que um pai, uma mãe, um esposo, uma esposa, abandone os entes que lhes são caros, para deixá-los morrer longe deles, no hospital de São Sebastião!

(...) *O Governo espera que o povo, nas vascas da morte, se renda à obrigatoriedade de um recurso terapêutico, contra o qual muita gente protesta?*

O orador atesta que há pouco vacinou três vezes uma criança, sem resultado. Dias depois de manifestou-se a varíola nesta criança (...)

Todos sabem que vítimas da varíola sucumbem no mais cruel abandono, *e que os pobres fogem do socorro da ciência oficial*, que exige deles o sacrifício dos sentimentos que mais enobrecem o ente humano.

Por que o Governo adia esses socorros? Por causa da Exposição? Haverá tantos variolosos que o Governo não poderá impedir que eles vão à Exposição? É uma preocupação pueril.

No morro da Favela há uma epidemia de febre amarela, que os médicos não se atrevem a atestar, para não ficarem mal com a ciência oficial.

Declarou o orador a opinião que a cidade está à mercê do capricho e da mentira para levá-la a acatar uma medida despótica, que ofende sua liberdade. O Sr. Dr. Oswaldo Cruz, ocupado com os infinitamente pequenos, não compreende que os infinitamente humanos defendam os seus direitos e as suas liberdades!

O testemunho do Dr. Barata Ribeiro vem assim confirmar o que dissemos no artigo sobre *A Higiene oficial e a verdadeira higiene*:

"Já fizemos notar que os números relativos à *febre amarela* não inspiram confiança, porque os casos antes qualificados de febre amarela podem agora estar figurando nas *moléstias do aparelho digestivo, no tifo, na gripe, na peste*, etc. O mesmo acontece com a *peste*, cujos casos, em outras condições, se teriam distribuído sobre outras denominações.

Portanto, não se pode afirmar que a febre amarela diminuiu, e muito menos que desapareceu.

O que se pode afirmar é que mudou o ponto de vista médico na apreciação do instável conjunto de sintomas, isolados ou acompanhados de outros, a que dantes se aplicava o nome de febre amarela. (Vide seção ineditorial do *Jornal do Commercio* de 10 de março de 1908, reproduzido no folheto nº258.)

Seria inútil insistir mais para patentear às almas retas a verdadeira origem dos ataques de que ultimamente têm sido objeto a Igreja e o Apostolado Positivista do Brasil. Nós continuaremos, pois, a aguardar dignamente o futuro.

Devemos, porém, chamar a atenção para o contraste que as classes dominantes oferecem entre a apreciação das epidemias e a apreciação da guerra.

Os horrores de qualquer guerra excedem imensamente todos os horrores de uma epidemia; mesmo porque, em geral, dão-se epidemias nas guerras. Entretanto, as mesmas pessoas que se mostram tão alarmadas ante as epidemias – *que não dependem delas* – parecem nenhum caso fazer das eventualidades das guerras, *que hoje só se dão por culpa dos governos*. Isto basta para que se aquilatem a seu justo valor os móveis que infelizmente prevalecem na política dominante.

Tudo o que precede mostra que não nos surpreendem os ataques recentes, como não nos surpreenderam jamais os anteriores. Prosseguiremos, pois, tranquilamente, nos nossos esforços regeneradores, certos de que nada conseguirão usar atentados retrógrado-revolucionários contra a evolução social, porque *o homem se agita e a Humanidade o conduz*.

Pela Igreja e Apostolado Positivista do Brasil,

R. TEIXEIRA MENDES,
Vice-Diretor

Em nossa sede, Templo da Humanidade, rua Benjamin Constant, nº 30.
Rio, 27 de Carlos Magno de 120 (13 de julho de 1908).

(Publicado na seção ineditorial do *Jornal do Commercio* de 14 de julho de 1908)